

RESENHA

O Martelo das Feiticeiras - Malleus Maleficarum

Heinrich Kramer & James Sprenger

Introdução histórica: Rose Marie Muraro

Prefácio Carlos Byington

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991 (1484), 527p.

Resenha por Selene Herculano

Este livro foi escrito pelos monges dominicanos e professores de teologia Heinrich Kramer e James Sprenger, nomeados pelo Papa Inocêncio VIII em sua Bula de 1484 como Inquisidores da Germânia, para levar às aldeias, dioceses, distritos e territórios os “benefícios do Santo Ofício”(sic). Foi lavrado e registrado como documento público e oficial pela Universidade de Colônia em 1487, que o celebrou como “obra necessária e de grande utilidade”. (p.518-520)

Está dividido em três partes: 1- Das três condições necessárias para a bruxaria: o diabo, a bruxa e a permissão de Deus Todo Poderoso; 2- Dos métodos pelos quais se infligem os malefícios e de que modo podem ser curados; 3- Medidas Judiciais no Tribunal Eclesiástico e no Civil a serem tomadas contra as bruxas e também contra todos os hereges, normas para a instauração dos processos, modos pelos quais devem ser conduzidos e métodos para lavras as sentenças.

Trata-se de um manual de procedimentos, misturado a uma argumentação de base canônica sobre bruxarias, adivinhações e heresias e que são apresentadas pontuadas por um caudal de casos, risíveis aos nossos olhos, mas que os autores descreviam como reais e provas incontestadas de feitiçarias. Sprenger e Kramer dizem textualmente que desenvolveram tal obra para levar aos juízes provinciais os métodos de processar, julgar e sentenciar e assim serem eles próprios “Inquisidores da Alta Germânia” aliviados da obrigação (p. 381).

Lá pelo meio do livro os autores afirmam ser muito maior o número de mulheres bruxas do que o de homens, enquanto que seriam estes os que padecem dos seus malefícios, ou sejam, são o lado supostamente vitimado. E juntam a isso, poucas páginas adiante, que vivia-se então “numa era dominada pelas mulheres”, como vaticinara S. Hildegardo. Os autores lamentam que tal era estivesse perdurando mais tempo do que o santo havia previsto (pp 328 e 334). Mas por que as bruxas seriam mulheres? Lá encontramos a resposta:

... em virtude de sua deficiência natural em inteligência, são mais propensas a abjurarem da fé, por causa da falha secundária em seus afetos e paixões desordenados; também almejam, fomentam e infligem vinganças várias, seja por bruxaria, seja por outros meios. Pelo que não surpreende que tantas bruxas sejam desse sexo. As mulheres possuem também memória fraca e nelas a indisciplina é um vício natural; limitam-se a seguir seus impulsos sem qualquer senso do que é devido...”(1991,pg 118)

“Adão só pecou num dos dois sentidos possíveis: pecou porque lhe era proibido, mas não porque seu ato continha um erro em si mesmo. As bruxas ... pecam nos dois sentidos: porque é crime o que fazem e porque é proibido... o pecado cometido por malícia, voluntariamente, é maior que o pecado cometido por ignorância. As bruxas, por sua enorme malícia, desprezam fé e sacramentos, como muitas já confessaram (1991, pg 169)

O livro faz menção, no capítulo sobre sentenças, a algumas categorias masculinas que teriam sido também submetidas à Inquisição: os “arqueiros-mágicos”, todavia protegidos pelo príncipes, que os acolhem, prestigiam e defendem”(p. 508) e padres e religiosos, entregues pelo Bispo à justiça secular.

Enumerando categorias e classificações, os autores mencionam conceituações de vários santos sobre superstições, bruxarias e adivinhos (pitonisas), estas últimas expressando-se através da necromancia (fala com os mortos), geomancia e hidromancia (leitura do solo e das águas). Negar a existência de bruxas seria contrariar os próprios textos canônicos (Deuteronômio, Levítico, A Cidade de Deus, de Santo Agostinho, os textos de São Tomás de Aquino) e assim seria também uma heresia.

Algumas categorias são citadas como imunes às bruxas: os homens que administram a justiça pública, os príncipes, os que se protegem com sais consagrados, palmas e velas bentas e os abençoados pelos anjos do senhor (p.198).

Bruxas injuriam, curam (com segundos propósitos). Como? O que fazem? Neutralizam a força da procriação, privando o homem de seu membro viril; transformam homens em animais; causam esterilidade em homens, animais e solos, secam o leite das vacas, impedem o fluxo do sêmen ou o roubam. Infligem feridas e enfermidades, oferecem crianças aos demônios (as parteiras, que chegariam a usar corpos recém-nascidos como ingrediente de receita para enfrentar sem dor as torturas); copulam com demônios (íncubos e súcubos, figuras em parte humanas e em parte animais) e enlouquecem os cavalos. E ainda teletransportam-se, voam,

desencadeiam tempestades. Enfeitiçam com o olhar, motivo pelo qual nas sessões deveriam ficar de costas para os inquisidores.

Um dos indícios de que uma mulher seria bruxa era que ao receber a comunhão, punha a hóstia consagrada sob a língua. Daí decorre o preceito católico de que se deve receber a hóstia com a boca bem aberta e a língua estendida. Outro indício de ser bruxa seria, nas sessões de tortura, aceitar carregar nas mãos ferro incandescente, uma vez que as bruxas saberiam como neutralizar esta dor.

Neutralizar os encantamentos é também tema de doutores da igreja, como São Tomás. Um deles trata do derrame de chumbo derretido em uma tigela com água para se ler a forma que o chumbo toma e descobrir a sua autora. Homens possuídos poderiam ser aliviados pelo poder da música ou de alguma erva. Preservar o leite das vacas poderia ser feito doando aos pobres o leite tirado aos domingos em nome do Senhor. E sobretudo participando das cerimônias solenes da Igreja.

[as bruxas] “confessam, algumas espontaneamente, outras sob a força da tortura, existirem cinco elementos que as atrapalham em suas bruxarias:... quando o homem tem a mais pura fé e segue os mandamentos, quando faz o sinal da cruz e ora, quando presta reverência aos ritos e cerimônias da Igreja, quando é diligente no desempenho da justiça pública e quando medita sobre a paixão de Cristo. (1991, p. 367)

Depreende-se da leitura do *Malleus...* que os inúmeros casos narrados giram em torno do desejo sexual e da produção econômica: procriação, impotência, virgens e freiras atormentadas em seus leitos por íncubos e sucubos, donzelas com “lindos cabelos”(sic); homens acometidos por paixões desenfreadas, que repudiam a linda esposa e se entregam à mais repelente das mulheres (sic). Os remédios recomendados apontam para a sujeição à Igreja: orar, usar amuletos consagrados por seus bispos, participar das solenidades religiosas.

Videntes e adivinhos não deveriam ser a preocupação dos inquisidores e sim a heresia. Herege, segundo citação de Santo Agostinho, é o que ora dá origem a novas opiniões, ora as segue. O que se desvia dos ensinamentos e dos caminhos católicos. (Diríamos hoje, aquele que pensa – e lembramos do moleiro narrado por Carlo Ginzburg em *O Queijo e os Vermes*, um moleiro castigado pela Inquisição porque filosofava, interpretando o mundo como se fosse um queijo e os povos seus vermes...)

Na Terceira parte do livro os autores fornecem modelos para iniciação de um processo, formato adequado para sua redação, número de testemunhas a arrolar, como fazer perguntas à acusada, como registrar suas respostas. Como ela deve ser

capturada (sua casa deve ser vasculhada; ela não pode ter a chance de ir ao próprio quarto, deve ser carregada numa cesta ou prancha para que seus pés não toquem o chão, o que lhes daria poderes).

O juiz diligente, recomenda o livro, atentará para os poderes dos acusados: o poder do berço e das famílias, o poder das riquezas e o poder das malícias (p.417). Este conselho nos deixa entrever que a acusação de bruxarias poderia vir a alcançar também os mais ricos. Também se aconselha para se atentar para a possibilidade das acusações serem motivadas por inimizades pessoais. Uma pessoa poderia ser acusada de feitiçaria por fatos, por testemunhos de terceiros e pela própria confissão sob tortura.

É entre as Questões XIII a XVII da Terceira Parte que aparecem as prescrições de tortura, mencionadas com absoluta naturalidade:

...a bruxa se mostrará tão insensível às dores da tortura que logo sera dilacerada membro a membro sem confessar a menor parcela da verdade (p. 429).

A bruxa está disposta a submeter-se ao ordálio pelo ferro incandescente e todas vão desejar isso, sabendo que o demônio impedirá os ferimentos e portanto assim se expõe uma bruxa verdadeira (p. 441).

Outras são tão obstinadas que por mais que sejam torturadas nunca se lhes arranca a verdade. Outras ainda, já tendo sido antes torturadas são mais capazes de suportá-la uma segunda vez, já que seus braços se adaptaram aos estiramentos e às torções (p. 463).

Depois de pronunciada a sentença, os oficiais de justiça devem ser demora preparar a acusada para a sessão de tortura ... que será continuada na data marcada como mais ou menos intensidade Segundo a gravidade das ofensas em pauta (p. 463).

Ela deve ser conduzida à presença do juiz de costas, porque “o seu olhar sobre ele será capaz de modificar-lhe o pensamento a ponto de fazer com que este perca todo o ódio que alimenta contra elas”(p. 436). Deve ter pelos e cabelos raspados de todo o seu corpo e se deve tirar-lhe as roupas, pois tem o hábito de esconder objetos supersticiosos nas roupas e cabelos e “nas partes secretas do corpo”. (p. 437)

Quando nada se prova contra ela, deve ser condenada à “purgação canônica”, se o juiz “quiser ser misericordioso”(p. 473). Terá de postar-se nas portas das igrejas, com uma indumentaria cinza e azul, com cruces de pano amarelo e portando velas de certo peso. Ou poderá ser sentenciada à prisão perpétua, para que “seja punida

com o pão da miséria e a água do sofrimento”, reservando-se o juiz o direito de mitigar, agravar, comutar ou modificar a sentença (p.481).

Carlos Byington, médico e psiquiatra, assina o Prefácio a esta edição do Malleus. Ele sublinha o quanto o livro evidencia a misoginia, o ódio à mulher, o sadismo e o voyeurismo desses inquisidores “tarados”, “sexualmente perversos”. Em resumo, é um compêndio que “só pode ter sido produzido por mentes gravemente enfermas, resultantes de uma “patologia cultural” (p.28) e de um delírio francamente paranóide (p.34). Há uma atração mórbida pela mulher, devido à sexualidade culturalmente reprimida pela Igreja. Isso se nota ao longo de todo o livro, no medo de serem olhados por elas e assim terem seu ódio dissipado; e em especial na questão dos cabelos: os “lindos cabelos” femininos, que são por eles raspados.

Byington analisa também os arquétipos como sendo a Alteridade: arquétipos são por ele definidos como matrizes do funcionamento dos símbolos que expressam a normalidade e a patologia (p.22), que organizam a maneira como o Eu se relaciona com o Outro na consciência (p.23). Ele se refere aos arquétipos da Anima, a Grande Mãe, na personalidade do homem e do Animus na personalidade da mulher (p.24). Reprimidos, vem a deformação, anima compreendida como histeria (p.38) e o arquétipo do pai como intolerância e concupiscência (p.39). Byington não menciona os estereótipos, que a meu ver seriam essas deformações.

Um livro triste mas do qual precisamos estar informados pois nossa atualidade vem trazendo exemplos, como os dos talibans, de certa similaridade assustadora.